

O Ideário Preconizado por Antonio Gramsci e a Missão dos Intelectuais Orgânicos Face aos Meandros do Autoritarismo Neoconservador Bolsonarista

The ideas defended by Antonio Gramsci and the mission of organic intellectuals in the face of the meanderings of Bolsonaro's neoconservative authoritarianism

Celso Gabatz¹

Resumo: Este artigo propõe uma análise da conjuntura brasileira destacando os percursos do autoritarismo neoconservador a demarcar os contornos da racionalidade neoliberal na esfera pública a ponto de incidir na subjetividade dos indivíduos, reproduzindo um axioma sublinhado pela meritocracia, inviabilizando o sentimento de solidariedade social. Por meio de uma abordagem epistemológica de caráter bibliográfico, o objeto desta abordagem, sublinha a relevância do pensamento preconizado por Antonio Gramsci, especialmente acerca dos intelectuais orgânicos. Os resultados indicam um ideário de valores que explicitam e engendram caminhos para a criação de variadas equivalências de natureza moral numa tentativa de diferenciação enquanto forma de existir.

Palavras-Chave: Autoritarismo; Democracia; Bolsonarismo; Gramsci; Intelectuais Orgânicos.

1

Recebido em: 01 de ago. de 2023

Aceito em: 18 de out. de 2023

Pós-Doutor PNPd/CAPES (2017-2022). Doutor em Ciências Sociais pela UNISINOS-RS. Professor Colaborador junto ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da Faculdades EST, São Leopoldo-RS. E-mail: gabatz12@hotmail.com

Este artigo resulta de investigação desenvolvida no âmbito do Projeto de Pesquisa Financiado pelo CNPq número 404939/2021-0 (“Religião, Política e Teologia no Espaço Público”), instituição à qual agradecemos pelo financiamento.

Abstract: This article proposes an analysis of the Brazilian situation, highlighting the paths of neoconservative authoritarianism to demarcate the contours of neoliberal rationality in the public sphere to the point of influencing the subjectivity of individuals, reproducing an axiom underlined by meritocracy, turning the unfeasible feeling of social solidarity. Through an epistemological approach of a bibliographical nature, the object of this approach underlines the relevance of the thinking advocated by Antonio Gramsci, especially with regard to organic intellectuals. The results indicate ideas of values that make explicit and engender paths for the creation of varied equivalences of a moral nature in an attempt to differentiate as a way of existing.

Keywords: Authoritarianism; Democracy; Bolsonarism; Gramsci; Organic Intellectuals.

Introdução

Já não parece ser tão fácil divisar o tempo no qual vivemos e compreender os fatos que nos cercam ou afetam em um mundo (de)marcado por múltiplas interlocuções sublinhadas pelos aparatos tecnológicos que exacerbam os meandros da virtualidade. Não raro, as pessoas acabam sendo refratárias a informações distorcidas, superficiais ou abstratas. Trata-se de uma desafiadora premissa que faz parte da realidade atual e que dificulta a compreensão das complexidades inerentes à sociedade face às suas contradições.

Um dos aportes que pode auxiliar nesta difícil e intrincada incumbência é, justamente, desvelar o legado preconizado pelo filósofo e intelectual italiano, Antonio Gramsci (1891-1937). Para ele, seria salutar a observação da totalidade dos fenômenos para, na sequência, postular a análise das partes e a necessária vinculação entre elas. Apenas desta forma, conseguiríamos compreender o todo dentro de uma visão concreta, materialista e dialética.² De acordo com a sua convicção, seria preciso saber como a sociedade foi sendo moldada até chegar aos paradigmas conhecidos no presente.

É importante atentar para o fato de que colocar algumas das partes numa condição prioritária para o enfrentamento da realidade social, pode impedir a noção mais precisa, por exemplo, da existência de classes sociais e de um sistema dominado por grupos estratégicos no âmbito de um ordenamento que vai muito além dos embates sobre valores ou pretensas verdades.³ Impõe-se, sobretudo, nesta direção, a compreensão das raízes de como toda uma estrutura

² GRAMSCI, Antonio. *A formação dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2013.

³ INNERARITY, Daniel. *A política em tempos de indignação: a frustração popular e os riscos para a democracia*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

de sociedade foi sendo construída ao longo da história. Não por acaso, vivenciamos um momento em que as novas gerações se encontram submetidas aos padrões de uma sociabilidade na qual o conhecimento e as certezas se dissipam com muita facilidade.⁴

Vislumbramos informações que nos são apresentadas de forma rápida e superficial, mas, carecemos de um conhecimento aprofundado e crítico. A consequência tem sido o crescimento da alienação política, econômica, social e religiosa. No ambiente acadêmico, por óbvio, também acaba sendo um enorme desafio fomentar debates propositivos se as palavras são demasiadamente implicadas em ilustrações conspiratórias e abstratas ou na imposição daquilo que se deseja reconhecer como uma verdade particular. Tem-se, nestes termos, uma sociedade que se deixa guiar por referências ao sabor do vento e conforme as conveniências. É preciso, portanto, entender a adesão a estes paradigmas em estreita conexão com os mecanismos que prendem as pessoas à ignorância, aos fundamentalismos religiosos e a alienação política.⁵

Se é verdade que muitas das questões que fazem parte do nosso cotidiano estão enraizadas na construção das estruturas e instituições que mantêm um permanente desequilíbrio social e uma sociabilidade precária em termos de oportunidades e respeito aos diferentes, o fundamental é, pois, desvendar a forma como a sociedade brasileira, em particular, foi edificada. De que maneira estes valores vieram a se incorporar nas mentalidades, dificultando um entendimento dialético das contradições.⁶ Há que se buscar maior amplitude e organicidade para consolidar uma perspectiva de bem comum.

Uma das contribuições que também possibilitam ampliar o horizonte crítico foi sublinhada por Hannah Arendt. Ela soube explicitar que o totalitarismo faz parte da sociedade onde as pessoas “não têm espaço próprio”, pois, vivem como nos campos de concentração, “comprimidos uns contra os outros”.⁷ O desaparecimento da intimidade na visão da autora, seria totalitário. As tecnologias da informação ampliam os horizontes, mas, deveriam ser utilizadas com discernimento. A explosão narcisista das redes

⁴ BAUMAN, Sygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

⁵ MIGUEL, Luís Felipe. *Consenso e conflito na democracia contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

⁶ SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.

⁷ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2012, p. 434-610.

sociais, onde milhares de pessoas se exibem entre a falta de pudor e a inconsequência, ilustra esta afirmação.

No caso da sociedade brasileira, não deixa de ser impactante de que exista um certo ceticismo com os desdobramentos de uma conjuntura capaz de reestabelecer um diálogo com as bases que lhe dão sustentação. O cenário é de incertezas, crise, revolta e até indiferença. As análises da conjuntura correm o risco de se mostrarem pouco profícuas dado o aparente dinamismo da realidade vigente. Um movimento que, no entanto, nunca deixa de entabular estratégias sombrias para as classes sociais mais vulneráveis. Assim, o desafio também nesta abordagem, é observar como os projetos sociais que tenham como fundamento formas e dinâmicas sociais renovadas e renovadoras, sejam inclusivas e dispostas a remodelar sistemas em frangalhos.⁸

Esta abordagem se encontra estruturada em três seções. Na primeira, postula-se um entendimento acerca dos percursos do populismo autoritário e neoconservador demarcado pelos contornos da racionalidade neoliberal com a tomada e articulação, cada vez mais incisiva, de uma lógica empresarial que se ampliou para a esfera política e invadiu a subjetividade dos indivíduos, reproduzindo um axioma sublinhado pela meritocracia e a ideia de um estado cada vez menos presente na vida das pessoas, inviabilizando o sentimento de solidariedade social e facilitando, por extensão, o caminho para a adoção de políticas autoritárias.

Na segunda parte do artigo, acentua-se os caminhos em torno do ideário gramsciano e os meandros do autoritarismo presente na governança de Jair Bolsonaro. Postula-se que a realidade brasileira firmada nas múltiplas expressões do bolsonarismo acentua variadas equivalências de natureza moral numa tentativa de diferenciação enquanto forma de existir. Na última seção do artigo, vislumbra-se o papel dos intelectuais orgânicos diante da retórica do antagonismo na realidade brasileira contemporânea. Faz-se uso de pesquisa bibliográfica, baseada em livros e artigos com temas correlatos ao contributo preconizado por Antonio Gramsci em suas manifestações acerca do lugar dos intelectuais orgânicos na sociedade, os autoritarismos, neoconservadorismos e ao bolsonarismo em sua ampla repercussão.

1. Desvelando a Realidade Conjuntural Brasileira Contemporânea

Para entender como na conjuntura brasileira houve espaço à penetração de iniciativas alinhadas, em grande medida, com

⁸ SAFATLE, Vladimir. *Só mais um Esforço*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

questões ligadas ao neoconservadorismo, é preciso destacar alguns fatores que incidiram na instabilidade democrática e favoreceram outras formas de organização social e política.⁹ O impedimento da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, sublinhou a ruptura da estabilidade institucional, fragilizou de forma intensa a ordem democrática e acelerou um processo de decomposição política. O desarranjo instaurou-se no cotidiano, levando a uma degradação e perda de confiança nas bases representativas da sociedade constituída.¹⁰

A deterioração da conciliação protagonizada em anos anteriores aliada a uma imprensa hegemônica oligopolizada e que, com frequência, soube comporta-se mais como mídia panfletária do que como órgão informativo, exacerbou a complicada governabilidade no âmbito de um congresso com grande pulverização partidária e de matriz política neoconservadora e, por vezes, reacionária. Esta falta de discernimento com as prerrogativas inerentes ao processo democrático intensificou a crise política em paralelo com a crise econômica e engendrou um mal-estar em uma parcela significativa da coletividade brasileira.¹¹

Não é novidade de que a população se encontra envolvida em um modelo permanentemente reforçado por um debate público superficial. Somos uma das sociedades mais desiguais e perversas do planeta. E neste sentido, um dos mais graves problemas e que talvez esteja na raiz de alguns dos principais dilemas sociais dos últimos tempos é que tudo tende a ser visto pela ótica da ineficiência e da corrupção dentro do Estado. “É a raiva ancestral de uma sociedade escravocrata, acostumada a um exército de servidores cordatos e humilhados, que explica a tolice dos que compram a ideia absurda de mais mercado no país do mercado mais injusto do mundo”.¹²

A classe política, em geral, passa a ser “demonizada” pela opinião pública na medida em que é vista como corrupta. A eles não se impõe mais uma perspectiva que os qualifique como sujeitos de direitos ao qual deve ser aplicado o devido processo penal respeitando garantias constitucionais. O “mal” tem de ser extirpado, aniquilado e, para isso, o processo penal passa a ser visto como um empecilho. A defesa do Estado de direito como premissa de uma

⁹ GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

¹⁰ PERLATTO, Fernando. *Esferas públicas no Brasil: Teoria social, públicos subalternos e democracia*. Curitiba, PR: Appris, 2018.

¹¹ SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso*. Da Escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 209-234.

¹² SOUZA, 2015, p. 250.

pretensa legalidade é, com efeito, uma reivindicação que sublinha a preservação e a garantia de formas dimensionadas pelo sistema capitalista.¹³ Trata-se de uma reivindicação estratégica de controle social.¹⁴

O pensador húngaro István Mészáros,¹⁵ por exemplo, percebeu que o sistema ideológico dominante funciona de maneira oculta, mas, muito efetiva, uma vez que apresenta ou desvirtua suas próprias regras seletivas, seus preconceitos, distorções teóricas, chavões de “normalidade”, “objetividade”, “imparcialidade”. Trata-se de um processo de dominação ancorado na desinformação promovida por uma mídia que manipula a mente e os gostos das pessoas em um Estado dominado por uma elite política que se utiliza dos poderes da República para manter seu *status quo*.

Vive-se uma quadra histórica que conjuga o empobrecimento tanto da linguagem, típico dos momentos de fascistização (que se caracterizam pela ode à ignorância, o medo da liberdade e a aposta em soluções de força para os mais variados problemas), quanto do imaginário (instaurou-se um modelo de pensamento simplificador, incapaz de compreender a complexidade dos fenômenos) com um processo de mutação simbólico, com a perda da importância dos limites, em proveito do regime valorativo das mercadorias, de modo que nada possa ser tido como mais importante do que a livre circulação das mercadorias, o desenvolvimento do espetáculo e a satisfação dos desejos/perversões de parcela da sociedade que detém o poder econômico e/ou político.¹⁶

A atual temporalidade acelerada por um imediatismo tecnológico e midiático tende a entrar em confronto com o tempo político, o tempo representativo, muito mais demorado. Passamos da “democracia dos partidos” para uma “democracia das audiências”¹⁷, com a substituição do espaço público de debate pelo protagonismo dos meios de comunicação e com um eleitorado mais

¹³ BOBBIO, Norberto. *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

¹⁴ MASCARO, Alysson Leandro. *Estado e Forma Política*. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹⁵ MÉSZÁROS, István. *A Montanha que Devemos Conquistar*. São Paulo: Boitempo, 2015.

¹⁶ CASARA, Rubens. *Estado pós-democrático, neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p. 211-212.

fluido, menos fidelizado, que se mobiliza muito mais por certas causas do que por referências partidárias.

Volatilidade, complexidade social, difusão de pautas e demandas, desagregação de grupos e pluralismos são as novas formas de sociabilidade e organização coletiva. A maioria delas incompatíveis com as clássicas estruturas representativas, muito mais rígidas, hierarquizadas e lentas. Uma cidadania mais crítica, mais informada, que se desconecta cognitivamente e afetivamente dos partidos como estruturas intermediadoras. Tudo isso, aliado a uma centralidade cada vez maior da Internet a produzir novos padrões de sociabilidade e comportamento.

A história do Brasil é um complexo encadeamento de sucessivos processos de dominação. De acordo com a assertiva entabulada por Jessé de Souza¹⁸, a elite cultural ou intelectual sempre esteve a serviço da elite econômica sendo uma força institucional criadora da legitimação da estrutura dominante.

Vivemos hoje [...] uma verdadeira cultura de ódio ao pobre. Trata-se de ódio a segmentos da população que teriam tido “indevidamente” – *por uma política considerada absurda e equivocada* – o seu caminho facilitado para o acesso a benefícios e a espaços que nunca antes podiam ser imaginados. Ou seja, ousou-se romper com a velha estrutura mental preservada, intacta desde o longo período de escravidão [...]. No Brasil de hoje, mata-se mais pobres do que se mata, por exemplo, na guerra da Síria. Note-se que a maioria dos pobres é de população negra. Não se trata, portanto, só de um esquema mental que não mudou. As próprias relações étnico-raciais concretas não se alteraram.¹⁹

Existe no imaginário de uma parcela significativa da sociedade uma espécie de “fantasia” na qual o Estado e os políticos que o representam são vistos como um segmento que concentra a maior parte das perversidades inerentes à sociedade. Questionamentos acerca da dignidade humana passam a ser confrontados com os

¹⁷ MANIN, Bernard. *The principles of representative government*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

¹⁸ SOUZA, 2017, p. 155-165.

¹⁹ FOLLMANN, José Ivo. Ideologia, Identidade e Alienação. Processos Chaves na Sociedade Brasileira em Diálogo com o Pensamento de Jessé Souza. In: FOLLMANN, José Ivo. (Org.). *Dialogando com Jessé Souza*. Casa Leiria: UNISINOS, São Leopoldo, 2018.

ideais da meritocracia. Um tipo de violência simbólica que procura preservar uma visão ilusória acerca da justiça e da igualdade, tornando visível o preconceito contra os “dispensáveis” ou “marginalizados”.

Nunca é demais ressaltar o fato de que são determinados setores da sociedade associados ao capital que sistematicamente atacam a política social não apenas pelo seu viés econômico, mas, igualmente, pelo seu conteúdo ideológico e simbólico. É visível a ansiedade, a tensão e o incômodo que sentem quando pessoas de classes populares se inserem em espaços vistos como “exclusivos”. Não por outra razão esses setores têm sido os principais agentes da instabilidade democrática.

Na economia capitalista não existe democracia. Existe apropriação privada, competitividade, submissão aos ditames do mercado e não aos interesses da nação. Todas as vezes que se fala em democratizar a economia, como uma simples distribuição de renda, as elites puxam as armas – golpes de Estado, evasão de divisas, guerras.²⁰

Tempos de “dessacralização da política”, de “ambiguidades de desintermediação”.²¹ São processos que provocam decepção com a dinâmica tradicional. As formas autoritárias de tempos passados passaram a ser substituídas por formas mais sutis, a partir de outras roupagens. A sofisticação do controle é muito mais elaborada e perversa porque permite uma margem menor para reações.²² Neste sistema, o capital vai consolidando as subjetividades. Esta condição provoca uma incerteza no trabalhador que se sente cada vez mais inseguro, num processo de desenraizamento social. Com a degradação das condições de trabalho, desestruturam-se também formas de sociabilidade, provocando uma dinâmica de desfiliação,²³ desintegração e isolamento social.

Nos escritos que dedicou à teologia política, Carl Schmitt,²⁴ explicitou que a moderna doutrina do Estado se encontra umbilicalmente ligada a conceitos teológicos secularizados. O autor

²⁰ FREI BETTO. *O Boteco do PT*. Disponível em: <http://www.forumseculo21.com.br/materias452,o-boteco-do-pt.html>. Acesso em: 20 Jun. 2023.

²¹ INNERARITY, 2017.

²² MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

²³ CASTEL, Robert. *A insegurança social: o que é ser protegido?* Vozes, Petrópolis: Vozes, 2005.

²⁴ SCHMITT, Carl. *Teologia Política*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

expõe os elos entre o mando transcendente e o movido na finitude. Existiria, pois, uma continuidade entre os planos teológicos e políticos. Para além deste espectro, haveria também, segundo Schmitt, nas duas formas de pensar e agir, algo no sistema capaz de reuni-las. Tal estrutura seria necessária para entender a base sociológica de ambas. O autor enuncia o dilema que entabula o estado de exceção em um significado análogo ao milagre para a teologia.

Para uma parte da população, o estado de exceção é permanente. Aqueles e aquelas que não são vistos ou por quem não se tem uma solidariedade instrumentalizada.²⁵ Contrariamente à retórica democrática hegemônica, existe uma relação íntima entre democracia e violência, uma coexistência entre democracia e extermínio. Instaure-se um estado de exceção no qual a guerra torna-se necessária para o funcionamento do sistema. As sociedades periféricas (favelas) são vistas como sociedades de inimizade. A brutalidade e a democracia, por conseguinte, não são vislumbradas como excludentes. O suposto inimigo transforma-se em retórica que justifica as violências. O medo passa a ser um dos principais argumentos do discurso político.²⁶

Outro aspecto relevante para a compreensão da realidade vigente é o discurso que acentua temas morais e o endurecimento penal em direta subordinação com as questões econômicas e sociais numa perspectiva punitiva. São guerras culturais para além de algumas polarizações de quem no passado defendia a meritocracia baseada na livre iniciativa ou que defendia a intervenção política para acentuar os sentidos da justiça social. O que é sublinhado agora é a substituição destas questões em um antagonismo entre um conservadorismo punitivo, autoritário, não plural e, de outro, um discurso inclusivista.²⁷

A difusão desta “guerra cultural” tem muito a ver com os processos pelos quais temas como os direitos das populações LGBTQIA+, legalização do aborto, controle de armas e das drogas passou a ganhar maior proeminência no debate político norte americano no final dos anos 1980 ao opor “conservadores” e “progressistas”. O embate opunha visões de mundo baseadas em uma concepção de autoridade moral enquanto reação conservadora

²⁵ BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

²⁶ ADORNO, Theodor. *Aspectos do Novo Radicalismo de Direita*. São Paulo: UNESP, 2020.

²⁷ LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *A nova razão do mundo*. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

aos movimentos de contracultura, sobretudo, feministas e negros. A tônica supunha a reestruturação da disputa discursiva em termos de um saudosismo com os velhos tempos da lei e da ordem e da hegemonia branca, masculina e patriarcal.²⁸ O paralelo com as pautas atuais é evidente. A maior incidência das lutas com vistas ao direito de minorias provoca uma reorganização de quem imagina o seu mundo ameaçado.

Este contexto, no qual as crises econômicas e políticas se misturam e se retroalimentam, possibilita a organização de um espaço público que se utiliza da retórica do medo como instrumento mobilizador, retomando valores da família tradicional, da ordem, da hierarquia, da autoridade, frente à suposta libertinagem. Na mesma direção há também o combate às questões identitárias, o conhecimento científico, a exploração do senso comum numa dinâmica da pós-verdade, discurso de ódio legitimado como liberdade de expressão; construção do discurso da centralidade do trabalho e esforço individuais.²⁹

2. O Ideário Gramsciano e os Percursos do Autoritarismo Bolsonarista

A onda de protestos ocorrida no Brasil a partir de junho de 2013, como já mencionado nesta abordagem, tem sido analisada, majoritariamente, a partir de um contexto global de desilusão com a democracia de matriz liberal e do pretense esgotamento dos modelos clássicos de representação política com questionamentos ao exercício político “tradicional”. No caso brasileiro, o que prevaleceu foi uma pretensa crise das hegemonias “petistas” que ousaram implementar políticas distributivas, mas, que, por outro lado, não ousaram realizar reformas estruturais de maior impacto.³⁰

Observando a realidade a partir da incidência de Gramsci em suas descrições elencadas no Caderno 3,³¹ tratar-se-ia de um paradigma no qual o velho mundo estaria morrendo, enquanto as forças que representam o novo ainda não estariam preparadas para nascer, possibilitando, nesse intercurso, o surgimento de alguns “monstros”. O que se vislumbrou em decorrência da crise de hegemonia e, por conseguinte, da falência do velho e impossibilidade do novo, foi a ascensão e consolidação de um ideário amplificado

²⁸ SOLANO, Ester. (Org.) *Brasil em Colapso*. São Paulo: Unifesp, 2019.

²⁹ URBAN, Miguel. *El viejo fascismo y la nueva derecha radical*. Barcelona: Sylone, 2014.

³⁰ GOHN, 2014, p. 7-43.

³¹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

pelas mídias sociais e que viria a sublinhar o protagonismo de um populismo autoritário e neoconservador, reproduzindo um axioma sublinhado pela meritocracia, inviabilizando o sentimento de solidariedade social ao explicitar meios para a criação de variadas equivalências de natureza moral numa tentativa de diferenciação enquanto forma de existir.

Por conta das características reacionárias e antidemocráticas da governança bolsonarista, surgem caminhos de análise que buscam descrever esta realidade a partir de certos elementos intrínsecos ao neofascismo, inclusive, em virtude do movimento acentuado da ascensão ao poder de lideranças ligadas a extrema-direita em outras partes do mundo. Partindo de um ponto de vista mais amplo e do prisma do debate internacional, destacam-se as contribuições de autores como Jason Stanley³² que opta pela categorização “fascismo” em virtude dos ideais ultranacionalistas presentes nestes grupos quando assumem o controle do Estado.

A despeito de haver diferenças entre o neofascismo brasileiro e o fascismo europeu do passado, é inegável que a face mais proeminente do bolsonarismo soube absorver algumas características próprias do século XXI, ao mesmo tempo em que preservou peculiaridades de outrora. Conforme acentuado por Michael Löwy,³³ o neofascismo não assume uma face de ditadura policial e pode, inclusive, respeitar certos valores da soberania democrática, como as eleições e a liberdade de imprensa. Outrossim, é um fenômeno que se reveste hoje pelos ditames do neoliberalismo, reiterando o enxugamento do Estado na economia e uma maior submissão ao expansionismo norte-americano.³⁴

A atualidade de um “neofascismo à brasileira”,³⁵ preserva de sua versão clássica, o autoritarismo, o culto ao líder (‘mito’) e a pátria, a aversão à esquerda e o desprezo pela ciência, expresso, por exemplo, no descaso com as medidas preventivas no contexto da crise sanitária da pandemia do COVID-19.³⁶ É necessário afirmar, entretanto, que essa identificação perpassa várias mediações, de

³² STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

³³ LÖWY, Michael. O neofascista Bolsonaro diante da pandemia. *Blog da Boitempo*, 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/28/michael-lowy-oneofascista-bolsonaro-diante-da-pandemia/>>. Acesso em: 01 Jul. 2023.

³⁴ PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020.

³⁵ DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira: Como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020.

modo que não é consensual. Considerando que não se deve apostar na tese da mera e simples repetição de processos ao longo da história, a análise de um fenômeno histórico deve avaliar as diferentes determinações colocadas por cada conformação social e econômica nos mais diferentes contextos.

Se é possível observar hoje o ressurgimento de forças neoconservadoras, a relação que deveríamos buscar talvez fosse no sentido de compreender essa ascensão por meio da formação social do Brasil e não tanto por meio da incorporação de fenômenos externos ou na atribuição de categorias um tanto abstratas para explicar a realidade.³⁷ É preciso refletir e recuperar a dinâmica interna do país na medida em que forças autoritárias nunca deixaram de existir nas interlocuções políticas, sociais, culturais, econômicas e religiosas.

De acordo com a pesquisadora Luciana Aliaga³⁸ a conjuntura brasileira a partir da perspectiva gramsciana tem muito a ver com a existência em curso de um processo de revolução e restauração, no qual a expressão do bolsonarismo seria uma forma particular presente nesta dialética. Tendo como base o fundamento teórico de Gramsci, a autora entende que isso implicaria numa teoria do desenvolvimento histórico caracterizada por um processo de expansão e inovação (revolução), seguida por um processo de reação e regressão, e, portanto, de restauração. O autoritarismo bolsonarista emerge a partir de uma crise de hegemonia em sentido orgânico onde a política, a economia e os valores morais são colocados em ascensão. Isso teria a ver, portanto, com a definição da política brasileira e não com algo a ser identificado ou reduzido a figura de Jair Bolsonaro. Sublinha-se, assim, um movimento de massas reacionário que emerge como alternativa ou resposta em um contexto de crise.

Importa destacar que a ausência de uma saída popular para a crise de hegemonia que se instala na conjuntura brasileira, conflui, por óbvio, para que se fortaleçam alternativas autoritárias ampliadas, sobremaneira, pela própria bagagem histórica da identidade nacional. Ocorre a intensificação midiática estratégica para exacerbar rachaduras no bloco do poder. Não se busca propor

³⁶ PASTERNAK, Natália; ORSI, Carlos. *Contra A Realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências*. Campinas, SP: Papyrus 7 Mares, 2021.

³⁷ MIGUEL, Luís Felipe. *O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao golpe de 2016*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

³⁸ ALIAGA, Luciana. Revolução-restauração em tempos de pandemia. In: LOLE, Ana; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo Lima R. (Org.) *Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

um projeto coletivo, mas, individual, em direção a um “[...] movimento de agarrar-se ao poder, aprofundando a crise política, econômica e sanitária, permitindo e mesmo contribuindo para morte de milhares de pessoas”.³⁹ Nesta direção, reveste-se de fundamental importância a abertura à criação de novos modelos analíticos como reivindicado por Idelber Avelar:

A ascensão de Bolsonaro representa, sobretudo, a quebra completa do modelo com que uma disciplina, a ciência política, tentava entender a realidade brasileira a partir de um conceito, o presidencialismo de coalizão. É coerente com a sua história que a ciência política brasileira tenha previsto e esperado que o campo político se recompusesse em 2018 e o segundo turno fosse disputado de novo por duas coalizões lideradas por PT e PSDB, ou pelo menos por duas coalizões situadas entre a centro-esquerda e a centro-direita. A eleição brasileira de 2018 é a história do espetacular fracasso dessa expectativa. Tendo dirigido sua atenção durante duas décadas ao jogo parlamentar-executivo das negociações e formações de blocos, cristalizado no conceito de presidencialismo de coalizão, a ciência política se viu pouco equipada para entender o terremoto bolsonarista.⁴⁰

Note-se que a mesma raiz que viabiliza o fascismo é também a vertente criadora de teorias irracionais de raças, com a divisão da humanidade em raças superiores e inferiores sob o prisma biológico. Por isso o uso do termo fascismo não ilustra apenas um fenômeno político social circunscrito a sua forma de governo, mas, uma categoria possível de análise das contradições humanas. Seria a expressão politicamente organizada do ódio racial, pela percepção do diferente como adversário a ser eliminado. Isso torna possível a captura do sentido da política a partir do espectro da violência e da supremacia de uma visão particular do mundo.

A rigor, o Bolsonarismo está para além da figura de Jair Bolsonaro, embora esta figura grotesca e bizarra tenha significados sociopolíticos, trazendo à baila marcas históricas da formação social brasileira e da nossa própria cultura política, materializadas no

³⁹ ALIAGA, 2020, p. 127.

⁴⁰ AVELAR, Idelber. *Eles em nós: Retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI*. Rio de Janeiro, Record, 2021, p. 231.

conservadorismo, no machismo, no racismo, na misoginia, nas discriminações de múltiplas naturezas. Bolsonaro parece bem encarnar a perspectiva colonialista de submissão, elitismo e violência, a atravessar a história do País, reatualizando-se no reacionarismo político-cultural, em pauta no Brasil do Presente.⁴¹

Nesse contexto, as formas e expressões do pensamento crítico tornam-se alvo de perseguição uma vez que é forjada uma divisão da sociedade entre “o bem”, que o apoia, e “o mal”, que o contesta. O discurso presente é o de ódio ao diferente representado em grupos minoritários, como os imigrantes, refugiados, índios, negros, LGBTQIA+ entre outros. Os adversários políticos passam a ser denominados como “os corruptos”, mesmo que a corrupção seja a prática prioritária adotada dentro do próprio governo. A justificativa sempre se pauta em uma teoria da conspiração comunista liderada por intelectuais e artistas de esquerda.⁴²

Ampliando o horizonte compreensivo a partir do qual se vislumbra a caracterização do bolsonarismo, a despeito de suas peculiaridades, a concepção de intelectual desenvolvida por Gramsci mostra-se elucidativa para o entendimento da configuração política brasileira recente. Um primeiro exemplo que deve ser levado em conta relaciona-se à distinção abissal entre um suposto nacionalismo assumido e o que seria um caráter nacional-popular, capaz de considerar, efetivamente, a história, as problemáticas, as necessidades e os anseios populares.

O poder subversivo é subterrâneo. Mina a construção social a partir dos seus fundamentos. Sua política carece de tradição, mas não de inteligência, de habilidade, de flexibilidade, sustentadas por uma firme determinação. Negociar com ela ou combatê-la pode ser sagacidade ou erro, a depender das contingências da política. Não levá-la em conta ou recusar-se a levá-la em conta é tolice.⁴³

⁴¹ ARAÚJO, Maria do Socorro Souza de; CARVALHO, Alba, Maria Pinho de. Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultraliberalismo, militarismo e reacionarismo. *Revista Katálysis*. Florianópolis. Vol. 24, n. 1, Jan/Abr., 2021, p. 151.

⁴² MUDDE, Cas. *A Extrema Direita Hoje*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022.

⁴³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere. Vol. 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 65.

A criação de uma imagem caricata da realidade, vem associada a um discurso de mudança, em que são adotadas medidas presentes na ideologia do neoliberalismo como solução para a crise econômica, juntamente com uma narrativa pautada no neoconservadorismo religioso mais consolidado no âmbito da maioria das denominações neopentecostais empenhadas em combater uma suposta ameaça comunista. A ordem social vigente no bolsonarismo foi profícua em criar nas massas algumas estruturas psicológicas para atingir certos objetivos. Muitas das contradições presentes na sociedade conseguiram ser desprezadas no âmbito da consciência psicológica das massas oprimidas.

Quando as pessoas estimam certos valores e não sentem que sobre eles pesa qualquer ameaça, experimentam o bem-estar. Quando os estimam, mas sentem que estão ameaçados experimentam uma crise – seja como problema pessoal ou questão pública. E se todos os seus valores estiverem em jogo, sentem a ameaça total do pânico.⁴⁴

Importante salientar que a principal agenda do neoconservadorismo brasileiro sob o governo Bolsonaro relacionou-se de modo estreito com a defesa de um Estado forte em determinadas áreas, especialmente as que se conectavam com padrões, valores e condutas coletivas. Houve uma aliança em favor da reestruturação conservadora, onde a educação apareceu de forma estratégica. Atacou-se os currículos escolares e a sua agenda, pretensamente contrária aos padrões familiares patriarcais hegemônicos e a falta de patriotismo. O objetivo era, pois, afastar as políticas educacionais do debate público e colocá-las como uma “escolha” dos pais.

A retórica da perda é uma narrativa fundada, portanto, em uma insegurança moral diante de mudanças sociais empiricamente identificadas e que buscam reconhecimento. Diante destas mudanças que visam ao estabelecimento de outra normatividade ou à desconstrução de padrões de normalidade que negavam legitimidade a grupos e estilos de vida variados, a retórica da perda propõe o “resgate” de uma sensação de segurança (supostamente ou não) partilhada socialmente. A defesa de um modelo de família e de um padrão

⁴⁴ MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1969, p. 17.

nas relações entre os gêneros são exemplos fulcrais desta narrativa.⁴⁵

Cabe ainda destacar que a repressão da satisfação das necessidades materiais se subordina à repressão das sexualidades não hegemônicas. A contenção aos impulsos sexuais ocorre pela retirada destes do domínio consciente. Eles acabam sendo consolidados por meio da defesa da moralidade e dos costumes face aos novos tempos. O resultado, segundo Wilhelm Reich,⁴⁶ é o conservadorismo e o medo da liberdade. Predomina, pois, a mentalidade reacionária segundo a qual haveria a necessidade de restabelecer as bases de uma sociedade patriarcal e autoritária.

Corroborando e ampliando um pouco mais as questões aqui elencadas, não deixa de ser emblemática a percepção de Walter Benjamin que em seu pensamento descortina um conceito que tem a ver com a estetização da política em analogia ao fascismo europeu. “As massas têm o direito de exigir a transformação das relações de propriedade: o fascismo procurava dar-lhes expressão conservando intactas aquelas relações. Consequentemente, o fascismo tende para a estetização da política”.⁴⁷

O ideário bolsonarista sempre soube vislumbrar na imagem do seu “mito” uma atmosfera de esperança, de transformação e de messianismo. Todavia, como os mitos, em geral, não revelam uma realidade assim como ela se apresenta, é primordial olhar para além das supostas certezas e enxergar de forma mais ampla o contexto que abarca as massas. As crises econômicas, de segurança pública e a crise política, delineavam a paisagem de aflição e temor “pelo emprego, pela vida, pela vida da família, pela religião (...), pelo prestígio social”.⁴⁸

Importa destacar que as pessoas, em geral, agem condicionadas pelas estruturas objetivas à sua volta, mas, também, pelas respostas dadas às situações que perfazem as suas experiências no decorrer da história. Neste sentido, Gramsci entendia que a luta

⁴⁵ CUNHA, Christina Vital da. Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco. *Plural (Revista semestral de la Asociación Latinoamericana de Antropología – ALA)*. Antropologías Desde América Latina Y Del Caribe. Vol. 2, n. 6, jul/dez. 2020, p. 135.

⁴⁶ REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁴⁷ BENJAMIN, Walter. *Estética e Sociologia da Arte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 45-46.

⁴⁸ NOBRE, Marcos. *Ponto final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020, p. 24.

em favor de uma contra hegemonia passava pelo combate ao senso comum. De igual maneira, ele referia que a religião poderia legitimar a repressão por parte do próprio Estado contra os movimentos sociais.⁴⁹

A ideologia a ser combatida não seria apenas o liberalismo, mas, sobretudo, a ideologia religiosa ligada às massas populares. Nesse sentido, a miséria e a exploração não estariam ligadas apenas às condições históricas de trabalho, mas, às questões ideológicas, já que a exploração seria legitimada pela tentativa de bloqueio da burguesia em relação a emancipação das massas populares.

A miséria crônica e o trabalho prolongado do camponês, com o conseqüente embrutecimento, representam para aquele grupo uma necessidade primordial. Por isso, emprega a máxima energia na resistência e no contra-ataque a qualquer mínima tentativa de organização autônoma do trabalho camponês e a qualquer movimento cultural camponês que ultrapasse os limites da religião oficial.⁵⁰

Mesmo que a perspectiva observada por Gramsci tenha a ver diretamente com o fascismo italiano e o seu homólogo germânico, o nazismo, é sabido que os instrumentos de alienação se sofisticaram, ampliaram e são massivos nos dias atuais. Por isso, é preciso olhar de forma mais apurada para o cenário brasileiro e o alcance dos discursos em torno da meritocracia que ocultam as desigualdades e também de uma teologia que serve para justificar a intolerância, as discriminações, a misoginia e a homofobia.

As argumentações recorrentes no espaço público se fundamentam, em boa medida, no senso comum, modelando convicções e operando sentidos que tem a ver com a vida cotidiana. Na acepção gramsciana, as ideias e concepções são vividas nas massas como convicção. “Nas massas como tais, a filosofia não pode não ser vivida como uma fé”.⁵¹ A certeza orienta as condutas e se constitui, portanto, em uma força política, material, social e religiosa que incide de forma estratégica no dia a dia.

É primordial, pois, compreender que abordagens superficiais contribuem para a passividade das massas, dificultando leituras

⁴⁹ FRESU, Gianni. *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2020.

⁵⁰ GRAMSCI, 2007, p. 63.

⁵¹ GRAMSCI, 2007, p.139.

críticas da realidade. Buscar assimilar a complexidade e as contradições que envolvem o tecido social brasileiro é um exercício complexo. Não por caso, a força persuasiva de quem engendra a retórica do poder, tende a confundir ou frear gestos críticos ou emancipatórios, alimentando, por óbvio, respostas simplórias às crises.

3. O Papel dos Intelectuais Orgânicos Face à Retórica do Antagonismo na Governança Disruptiva Bolsonaroista

Governar um país é, sobretudo, respeitar a sua Constituição.

A tripartição de poderes e a isonomia na perspectiva de Hans Kelsen⁵² implicaria em tratar os desiguais de forma heterogênea e compreender que sempre existirão pensamentos divergentes. O grande desafio que se impõe tem a ver com o horizonte do diálogo e da tolerância de forma plural, crítica e propositiva. Uma maneira cômoda e, via de regra, bastante refratária a este modelo é quando se busca governar mitigando ou até anulando as individualidades.⁵³ O exercício do poder na governança de Bolsonaro ensejou a cristalização de certas posições morais, econômicas, políticas e religiosas, consubstanciadas por meio de ações sem maior apelo ao entendimento com quem não se enquadrava em um espectro ideológico específico.

Em sua obra seminal - *A Razão Populista*, Ernesto Laclau,⁵⁴ chamou a atenção para o equívoco que entendia existir entre o populismo e a demagogia. Para ele, tratava-se de uma forma restritiva de descrever e compreender o fenômeno político ao postular a associação literal com o discurso demagógico. Para o

⁵² KELSEN, Hans. *Teoria Pura do Direito*. Coimbra: Almedina, 2008.

⁵³ CHAMAYOU, Grégoire. *A sociedade ingovernável*. São Paulo: Ubu, 2020.

⁵⁴ LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

autor, cabia olhar a realidade social de uma forma mais ampla. O populismo se manifestava muito além da retórica de algum líder quando buscava se dirigir à nação. Laclau analisa o populismo a partir da categoria “povo” em sua multiplicidade de anseios. As demandas surgidas no âmbito de um antagonismo pluralista se colocam como alternativas ao poder hegemônico.

Por isso, diferentes grupos, sejam eles quais forem, a partir de suas experiências culturais, seus nacionalismos e ideologias, tendem a disputar lógicas equivalentes em fronteiras antagônicas e reconfigurar o que vem a ser o “povo”, as demandas sociais e aquilo que simboliza a articulação política e as correspondentes maneiras como lideranças reagem. “É necessário reconceituar a autonomia das demandas sociais, a lógica de sua articulação e a natureza das entidades coletivas que delas resultam”.⁵⁵

É importante destacar que os fatos reforçam a noção teórica de que a política surge como uma ação de resistência e não de apenas por meio da dominação. O poder exercido pela dominação pode ser compreendido como um poder não político, e, por extensão, não democrático. Na visão de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca em seu Tratado da Argumentação: uma nova Retórica, existiria um primado na política sem que a institucionalização pudesse abrir as portas para grupos que ousam se insurgir contra o poder hegemônico.

Na argumentação, a pessoa, considerada suporte de uma série de qualidades, autora de uma série de atos e de juízos, objeto de uma série de apreciações, é um ser duradouro a cuja volta se agrupa toda uma série de fenômenos aos quais ele dá coesão e significado.⁵⁶

O que foi possível perceber no Brasil nos últimos anos é um conjunto de tentativas de cercear a força de instituições e coibir qualquer ação insurgente, especialmente por parte do poder judiciário. Bolsonaro teve a habilidade de traduzir os diferentes

⁵⁵ LACLAU, 2013, p. 353.

⁵⁶ PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 336.

anseios sociais em significantes vazios.⁵⁷ Seu discurso universalizou conteúdos de tal forma que acabou sendo difícil compreender os significados daquilo que estava sendo articulado. Ao prometer mudanças, emoldurou a estratégia de subversão à manutenção de um *status quo*. O antagonismo esteve voltado ao cumprimento das expectativas de grupos apoiadores.

O sujeito bolsonarista, não raro, soube ser movido por uma agressividade concentrada em seu ressentimento. A perda do emprego para uns; o pavor da precarização para outros, e o medo de se igualar às pessoas pelas quais se tinha ojeriza. Esse ressentimento se mostrou na agressividade dos discursos de ódio e na intolerância contra minorias: negros; favelados; homossexuais; mulheres; refugiados; estudantes; intelectuais, esquerdistas. A retórica calcada no antagonismo também se coadunava com um ideal de vida. Uma esperança vindoura, mas, sempre às voltas com os desafios do presente. A realidade de uma grande parcela insatisfeita da população era estruturada pela fantasia simbolizada pelo discurso do líder.

Isto nos leva a mais uma complicação vital: se o que experimentamos como “realidade” é estruturado pela fantasia, e se a fantasia serve como o crivo que nos protege, impedindo que sejamos diretamente esmagados pelo real cru, então a própria realidade pode funcionar como uma fuga de um encontro com o real. Na oposição entre sonho e realidade, a fantasia está do lado da realidade, e é em sonhos que nos defrontamos com o real traumático – não é que os sonhos sejam para aqueles que não conseguem suportar a realidade, a própria realidade é para aqueles que não conseguem suportar (o real que se anuncia em) seus sonhos.⁵⁸

O discurso, além de sectário e ultrapassado perpetuava o ódio e colocava as minorias em grave risco, inclusive de vida, pois era a partir de seus sentidos, recepcionado pelo sujeito ressentido que ultrapassava o plano moral para atingir o plano físico. Um discurso apologético capaz de abarcar os múltiplos sentidos do preconceito e da perseguição. Assume uma postura anti-intelectual. Nega o valor da ciência e desqualifica as escolas, universidades e pesquisas. Há uma exaltação à violência e a brutalidade.

⁵⁷ LACLAU, Ernesto. *Emancipación y diferencia*. Buenos Aires: Ariel, 1996.

⁵⁸ ZIZEK, Slavoj. *Como Ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 73.

Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições (...). A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas (...). A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu (...). Sou prova (...) disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus. Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida.⁵⁹

Este discurso ao jogar brasileiros contra brasileiros por conta de suas diferenças regionais, étnicas, religiosas e outras, concorreu para a divisão do país. No conceito de Estado, é importante destacar que se insere a importância da unidade do povo. Ao realizar divisões e criar rancores, perdeu-se parte considerável da força que nos sustenta como país. Em uma nação com tanta diversidade parece bastante lógico que se trata de uma realidade capaz de tomar grandes proporções e das mais negativas em algum momento vindouro.

Não se deram conta, mas há muito o comunismo vinha-se preparando para ocupar a sociedade liberal por dentro, com a teoria de Gramsci, com a Escola de Frankfurt, com a Revolução Cultural dos anos 60. E, com essa abertura no coração da sociedade liberal, que expulsa Deus, o caminho ficou livre para que o marxismo cultural, o gramscismo, como quer que se chame, ocupasse o coração da sociedade liberal, que tinha sido deixado vazio. Isso é o globalismo.⁶⁰

A extensão que a conceituação de intelectual adquire no pensamento gramsciano corresponde à sua importância no tecido

⁵⁹ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) – Nova Iorque/EUA. Publicado em 22/09/2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ao-vivo-bolsonaro-onu/> Acesso em: 23 de Jun. 2023.

⁶⁰ Palestra do Ministro de Estado das Relações Exteriores sobre a nova Política Externa do Brasil e sua vertente comercial – Firjan, Rio de Janeiro/RJ. Publicado em 29/08/2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/arquivos/documentos/resenhas-de-politica-externo-do-brasil/resenha-n-125-segundo-semester-2019.pdf> Acesso em: 13 de Jun. 2023.

social, correlacionando-se ao aprofundamento do conceito de Estado. Na perspectiva gramsciana, todos os seres humanos seriam intelectuais porque nenhuma atividade humana poderia prescindir de uma dimensão intelectual. A diferenciação que Gramsci estabelece entre eles, de acordo com a gênese, função e caráter da sua atividade (orgânico, tradicional, cosmopolita), esclarece o alcance da conceituação e o peso que os intelectuais apresentam para toda ordem política e social. Ratifica-se, assim uma estratégia de ação. Há uma essência que aproxima os intelectuais e as classes subalternas em favor da efetivação de um projeto revolucionário e emancipador.⁶¹

Os intelectuais desempenham um papel imprescindível na luta política por serem os principais intérpretes da sociedade civil, São eles, na perspectiva de Gramsci, os elementos conectivos entre o campo ideológico e o econômico. São os disseminadores de ideologias e os agentes ativos do combate ou da manutenção de uma determinada concepção de mundo. É por isso mesmo que fomentam os ideais da vontade coletiva, da atuação prática das massas e do consenso necessário em favor da hegemonia de um grupo. Trata-se de um protagonismo estratégico tanto para o grupo que se encontra no poder de modo a galvanizar o consenso, quanto para os grupos que precisam alcançar um sentido de unificação em favor de uma concepção de mundo coerente e crítica que possa ser difundida socialmente na busca por uma nova hegemonia.⁶²

De acordo com Gramsci, é inconcebível uma atuação intelectual apartidária pelo fato de não ser possível uma pretensa neutralidade ou apartidarismo em nenhuma esfera humana. É por isso que ele defende a formação de intelectuais que compreendam e atuem de acordo com as necessidades das massas. Sem, todavia, apartarem-se do mundo. Os intelectuais orgânicos que se comprometam com a luta das populações subalternas deveriam exercitar a busca contínua pela idealização de uma concepção de mundo que pudesse transformar a realidade. Gramsci entende que a atuação dos intelectuais e, portanto, a sua incidência no amplo espectro da educação e da cultura seriam as bases para a consolidação de uma luta política em favor do bem comum.⁶³

⁶¹ PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

⁶² FRESU, Gianni. *Nas trincheiras do ocidente: lições sobre fascismo e antifascismo*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.

⁶³ BIANCHI, Álvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

O intelectual coletivo é o agente teórico e prático na estruturação de um percurso hegemônico. É o primeiro indutor da vontade das massas. Possui um claro papel formativo ao organizar os ímpetus individuais e coletivos. Todavia, na perspectiva de Gramsci, não deveria estar acima ou ser superior à classe que representa. Enquanto organismo criado pelos sujeitos para auxiliá-los no enfrentamento dos problemas, na busca de respostas e ações por outras relações sociais, deveria ser capaz de aprender com a vivência do coletivo. Nesta direção, acentua-se a importância de movimentos subalternos espontâneos. No entanto, para que adquiram coesão e força no jogo político, necessitam de uma direção consciente, o que reitera o papel dos intelectuais e das organizações educativas, culturais e políticas e religiosas. A emancipação é o primeiro passo na trilha pela nova hegemonia capaz de superar a opressão das massas.⁶⁴

O lugar dos intelectuais está colocado em seu papel ativo para a construção de todo tecido social, político e econômico. De maneira consciente ou não, toda a concepção de mundo influi em práticas sociais, que ordenadas e congregadas ganham força política na dimensão social. A distinção estabelecida entre intelectuais não está em sua natureza, mas, no grau e no campo de atuação, no impacto das reflexões, na atuação e influência sobre os problemas das populações.⁶⁵ Não por caso, o projeto de uma reforma intelectual e moral é, justamente, uma das maiores contribuições do pressuposto gramsciano. Significa a edificação de uma reforma intelectual e moral que consiga ser traduzida no cotidiano das massas e, conseqüentemente, consolidar um projeto revolucionário e emancipatório.⁶⁶

É preciso dar-se conta de que a histórica desqualificação de nossas bases culturais confluíram para um movimento de massas capaz de tornar o Bolsonarismo uma força estratégica na esfera pública brasileira. Cabe-nos o entendimento de que a atual conjuntura também é refratária à influência de indivíduos que assumem a função de intelectuais na organização social, sem que

⁶⁴ SAVIANI, Dermeval. Gramsci e a educação no Brasil: para uma teoria gramsciana da educação e da escola. In: SCHLESENER, Anita H. et al. *Filosofia, política e educação: leituras de Antonio Gramsci*. Curitiba: UTP, 2014, p.137-164.

⁶⁵ PY, Fábio; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. Atuação de religiosos luteranos nos movimentos sociais rurais no Brasil (1975-1985). *Tempo*. Niterói, Vol. 24, n. 2, 2018, p. 234-252.

⁶⁶ SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. Curitiba: Editora UFPR, 1992.

estes abarquem as capacidades críticas e propositivas à instauração de uma nova composição no horizonte das sociabilidades.⁶⁷

Em geral, as instituições formadoras (escolas e universidades) e muitos dos movimentos sociais reivindicatórios (negros, indígenas, mulheres) acabam carecendo de uma maior interlocução coletiva. Não se vislumbra a realidade a partir das bases estruturais que alicerçam e aviltam o nosso déficit de cidadania. Neste sentido, é preciso olhar para a linguagem não apenas por seu caráter representacional do mundo, mas, igualmente, performativo. O discurso dramatiza e cria realidades.⁶⁸

Bolsonaro soube valer-se de múltiplos apelos verborrágicos que, na prática, funcionaram como ‘palavras de ordem’. O seu discurso não se coadunava apenas como um significante, um símbolo ou alguma representação da realidade, mas, de certa maneira, operava como produção de uma verdade. Por isso, a importância das instituições educacionais e dos movimentos sociais em atentar para o fato de que os discursos políticos criam regimes de visibilidade do mundo no qual estamos inseridos.⁶⁹

Se pensarmos no alcance do discurso de “ditadura cultural marxista”, nos ataques sistemáticos à educação, à ciência, à democracia e a soberania nacional, é primordial olhar para o valor intrínseco à intelectualidade. Como assumir e, sobretudo, comunicar uma maior sintonia entre aquilo que nos move em termos de solidariedade sem descaracterizar uma efetiva consciência do próprio protagonismo em favor da equidade e da justiça? O desafio de (re) construção intelectual e moral é urgente na mesma medida da sua complexidade. Trata-se de uma tarefa que se impõe a todas as pessoas que não coadunam com os absurdos e que, por consequência, também não se furtam de encontrar meios para a edificação de uma nova humanidade, a despeito das perversidades existentes.

Considerações Finais

Possivelmente ainda estaremos às voltas, por um bom tempo, com atitudes indigestas a contaminar discursos que inspirem oposição à fraternidade e os direitos humanos por meio do rancor, do ódio e da estupidez. Não é preciso muita perspicácia para imaginar que a desinformação seguirá sendo um dos mecanismos

⁶⁷ ABRANCHES, Sergio. *O tempo dos governantes incidentais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

⁶⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

⁶⁹ ROCHA, João Cezar Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

essenciais nas lutas políticas, assim como, os abusos em nome da fé por meio de pregações inescrupulosas firmadas em valores sublinhados pela rigidez anacrônica da moralidade. Reféns de um discurso neoconservador e pautado pela hipocrisia, talvez continuemos vulneráveis aos extremismos e a radicalização por não alcançarmos a medida exata para uma pedagogia que nos leve a compreender as complexidades de um tempo nebuloso.

Gramsci vê o cristianismo primitivo como uma ruptura em relação ao poder dominante, mas, que, aos poucos, é cooptado para dentro da estrutura formal do Estado, afastando-se de suas raízes, chegando a ser o principal bloco hegemônico da Idade Média, passando de movimento excluído e subversivo à condição de dominante. Ele entende que a religião não constitui uma força neutra no campo político. O seu embate não é contra a fé de forma particular, mas, às ideologias sustentadas a partir da institucionalização das crenças sem a preocupação da retirada das massas da ignorância. É preciso considerar que Gramsci fala a partir do contexto europeu, abordando a temática sobre a questão religiosa ligada à Igreja Católica do início do cristianismo até a primeira metade do século XX, oferecendo ferramentas teóricas para a análise do fenômeno religioso de forma mais ampla.

A realidade brasileira, entretanto, contribui para a luta das classes mais vulneráveis. É deste lugar que seguem aparecendo lideranças comunitárias e políticas. O campo religioso ao ser plural, suscita o desafio de ser analisado a partir de suas peculiaridades. Gramsci, entende que a religião ao estar ligada diretamente às questões morais, seria capaz de formar a consciência dos indivíduos. Haveria uma tendência, segundo a sua visão, para que os seres humanos se percebessem como essência, porém, na busca por esta percepção, aconteceria uma projeção da essência para fora de si, em Deus. É desse comportamento que surge a alienação de si mesmo, conforme demonstra a crítica de Gramsci à religião.

Por fim, cabe ainda uma palavra tendo como parâmetro o cenário brasileiro recente e os tantos embates em torno de uma pretensa verdade. De algum modo, a verdade pode representar também aquilo que se prefere que seja verdade. Pode, por óbvio, ser uma disposição para uma fé sincera, piedosa, crítica e engajada, mas, não raro, pode ser a alcunha para aquilo que se conhece como má-fé. O filósofo britânico, Simon Blackburn, no seu livro *Verdade: um guia para perplexos*, retrata um exemplo de como a fé pode estar associada ao auto engano. Para Blackburn, a noção de fé deveria ser matizada por uma crítica racional que se impõe como uma espécie de dever moral para com a verdade obtida.

Um armador estava para lançar um navio de emigrantes ao mar. Sabia que a embarcação estava velha e que não fora muito bem construída; que vira muitos mares e climas e que muitas vezes necessitara de reparos. Já houvera sugestões quanto à sua falta de condições para aguentar o mar. Essas dúvidas lhe assaltavam a mente, deixando-o descontente; ele pensou que talvez fosse melhor inspecionar toda embarcação e reformá-la, embora isto pudesse lhe dar grandes despesas. Contudo, até que o navio partisse, ele conseguiu superar essas reflexões melancólicas. Disse a si mesmo que ele tinha passado por tantas viagens com segurança e atravessara tantas tempestades que era perda de tempo supor que não voltaria em segurança dessa viagem também. Confiaria na Providência, que não deixaria de proteger todas aquelas famílias infelizes que estavam deixando sua pátria em busca de melhores oportunidades em outro lugar. Tiraria da cabeça todas as suspeitas mesquinhas sobre a desonestidade de engenheiros e empreiteiras. Desse modo ele ficou sincera e confortavelmente convicto de que o seu navio era totalmente seguro e estava em condições de aguentar o mar; observou-o partir de coração leve e fazendo votos benevolentes para o sucesso dos exilados em seu futuro novo lar no estrangeiro; e quando a embarcação já estava no meio do oceano pegou seu dinheiro do seguro sem fazer comentários. (...) A sinceridade de sua convicção de forma alguma conseguiu ajudá-lo, porque ele não tinha o direito de acreditar em tal evidência tendo o que tinha diante de si. Obtivera sua crença não graças a uma investigação honesta e paciente, mas, sim, abafando as próprias dúvidas.⁷⁰

Referências

- ABRANCHES, Sergio. O tempo dos governantes incidentais. São Paulo: Companhia das Letras, 2020
- ADORNO, Theodor. Aspectos do Novo Radicalismo de Direita. São Paulo: UNESP, 2020.

⁷⁰ BLACKBURN, Simon. *Verdade*: um guia para perplexos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 31-32.

ALIAGA, Luciana. Revolução-restauração em tempos de pandemia. In: LOLE, Ana; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo Lima R. (Org.) Para além da quarentena: reflexões sobre crise e pandemia. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

ARAÚJO, Maria do Socorro Souza de; CARVALHO, Alba, Maria Pinho de. Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultraliberalismo, militarismo e reacionarismo. Revista *Katálysis*. Florianópolis. Vol. 24, n. 1, Jan/Abr., 2021, p. 146-156.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

AVELAR, Idelber. *Eles em nós: Retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI*. Rio de Janeiro, Record, 2021.

BAUMAN, Sygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BENJAMIN, Walter. *Estética e Sociologia da Arte*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BIANCHI, Álvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008

BLACKBURN, Simon. *Verdade: um guia para perplexos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOBBIO, Norberto. *Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASARA, Rubens. *Estado pós-democrático, neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CASTEL, Robert. *A insegurança social: o que é ser protegido?* Vozes, Petrópolis: Vozes, 2005.

CHAMAYOU, Grégoire. *A sociedade ingovernável*. São Paulo: Ubu, 2020.

CUNHA, Christina Vital da. *Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco*. *Plural* (Revista semestral de la Asociación Latinoamericana de Antropología – ALA). *Antropologías Desde América Latina Y Del Caribe*. Vol. 2, n. 6, jul/dez. 2020, p. 123-149.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Anti Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 75^a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) – Nova Iorque/EUA. Publicado em 22/09/2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/ao-vivo-bolsonaro-onu/> Acesso em: 23 de Jun. 2023.

DORIA, Pedro. Fascismo à brasileira: Como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.

FOLLMANN, José Ivo. Ideologia, Identidade e Alienação. Processos Chaves na Sociedade Brasileira em Diálogo com o Pensamento de Jessé Souza. In: FOLLMANN, José Ivo. (Org.). Dialogando com Jessé Souza. Casa Leiria: UNISINOS, São Leopoldo, 2018.

FREI BETTO. O Boteco do PT. Disponível em: <http://www.forumseculo21.com.br/materias452,o-boteco-do-pt.html>. Acesso em: 20 Jun. 2023.

FRESU, Gianni. Nas trincheiras do ocidente: lições sobre fascismo e antifascismo. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.

FRESU, Gianni. Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual. São Paulo: Boitempo, 2020.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no Mundo. Petrópolis: Vozes, 2014.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GRAMSCI, Antonio. A formação dos intelectuais. Rio de Janeiro: Achiamé, 2013.

INNERARITY, Daniel. A política em tempos de indignação: a frustração popular e os riscos para a democracia. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

KELSEN, Hans. Teoria Pura do Direito. Coimbra: Almedina, 2008.

LACLAU, Ernesto. Emancipación y diferencia. Buenos Aires: Ariel, 1996.

LACLAU, Ernesto. A razão populista. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. A nova razão do mundo. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

LÓWY, Michael. O neofascista Bolsonaro diante da pandemia. Blog da Boitempo, 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/28/michael-lowy-oneofascista-bolsonaro-diante-da-pandemia/>.

Acesso em: 01 Jul. 2023.

MANIN, Bernard. The principles of representative government. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MASCARO, Alysson Leandro. Estado e Forma Política. São Paulo: Boitempo, 2013.

MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade. Lisboa: Antígona, 2017.

- MÉSZÁROS, István. *A Montanha que Devemos Conquistar*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MIGUEL, Luís Felipe. *Consenso e conflito na democracia contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- MIGUEL, Luís Felipe. *O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao golpe de 2016*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1969.
- MUDDE, Cas. *A Extrema Direita Hoje*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022.
- NOBRE, Marcos. *Ponto final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia, 2020.
- Palestra do Ministro de Estado das Relações Exteriores sobre a nova Política Externa do Brasil e sua vertente comercial – Firjan, Rio de Janeiro/RJ. Publicado em 29/08/2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/arquivos/documentos/resenhas-de-politica-exterior-do-brasil/resenha-n-125-segundo-semester-2019.pdf> Acesso em: 13 de Jun. 2023.
- PASTERNAK, Natália; ORSI, Carlos. *Contra A Realidade: a negação da ciência, suas causas e consequências*. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2021.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação. A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PERLATTO, Fernando. *Esferas públicas no Brasil: Teoria social, públicos subalternos e democracia*. Curitiba, PR: Appris, 2018.
- PY, Fábio; PEDLOWSKI, Marcos Antônio. *Atuação de religiosos luteranos nos movimentos sociais rurais no Brasil (1975-1985)*. Tempo. Niterói, Vol. 24, n. 2, 2018, p. 234-252.
- PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROCHA, João Cezar Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.
- SAFATLE, Vladimir. *Só mais um Esforço*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- SAVIANI, Dermeval. *Gramsci e a educação no Brasil: para uma teoria gramsciana da educação e da escola*. In: SCHLESENER, Anita H. et al. *Filosofia, política e educação: leituras de Antonio Gramsci*. Curitiba: UTP, 2014, p.137-164.
- SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. Curitiba: Editora UFPR, 1992.

SCHMITT, Carl. Teologia Política. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

SOLANO, Ester. (Org.) Brasil em Colapso. São Paulo: Unifesp, 2019.

SOUZA, Jessé. A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

SOUZA, Jessé. A Elite do Atraso. Da Escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”. Porto

Alegre: L&PM, 2018.

URBAN, Miguel. El viejo fascismo y la nueva derecha radical.

Barcelona: Sylone, 2014.

ZIZEK, Slavoj. Como Ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.